

***OS FUNDAMENTOS DA TEORIA MARXISTA DOS
MOVIMENTOS SOCIAIS:***

***Resenha do livro “Os Movimentos Sociais”, de Nildo
Viana***

Lucas Maia*

O livro *Os Movimentos Sociais*, de Nildo Viana¹, preenche uma lacuna que, estranhamente, ainda persistia no estudo dos movimentos sociais. Apesar do grande número de livros, teses, revistas etc. sobre tal fenômeno, este ainda carecia de uma teoria, que demonstrasse sua especificidade, bem como as formas pelas quais é determinado pelo

* Professor do Instituto Federal de Goiás – Campus Aparecida de Goiânia. Militante Autogestionário. Editor da Revista Enfrentamento. Autor dos Livros: *Comunismo de conselhos e autogestão Social* (Rio de Janeiro: Rizoma, 2018); *Nem partidos, nem sindicatos: a reemergência das lutas autônomas no Brasil* (Goiânia: Edições Redelp, 2016) entre outros, além de vários artigos publicados em periódicos e capítulos de livros.

¹ VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.

conjunto da sociedade capitalista. A obra que agora resenhamos cumpre exatamente este papel. O livro supera as conhecidas “teorias” dos movimentos sociais: a) “teoria da mobilização de recursos” (abordagem institucionalista); b) “teoria do processo político” (abordagem neoinstitucionalista); c) “teoria dos novos movimentos sociais” (abordagem culturalista)². Algumas destas abordagens afirmam utilizar elementos do “marxismo”. Contudo, via de regra, compreendem mal esta teoria e a confundem com o que ficou conhecido como “marxismo”-leninismo. O livro de Nildo Viana desenvolve os fundamentos de uma teoria marxista dos movimentos sociais. Apresenta os conceitos a partir dos quais se pode aprofundar em vários campos o estudo deste fenômeno (história dos movimentos sociais em geral, história de algum movimento social em específico, crítica das ideologias dos movimentos sociais, crítica de alguma ideologia de algum autor em específico, relação dos

² É-me impossível desenvolver esta discussão aqui. Para tanto, remeto o leitor ao seguinte texto: VIANA, Nildo. *Abordagens sociológicas dos movimentos sociais*. Revista Movimentos Sociais. Vol. 02, num. 03, jul./dez. 2017.

movimentos sociais com o estado, partidos políticos, universidades, estudo de organizações mobilizadoras específicas etc. etc. etc.). *Assim, podemos dizer, utilizando uma linguagem própria à Geopolítica, que este livro estabelece as trincheiras em frente avançada do campo inimigo, além de dispor os limites, os recursos, as possibilidades de ir galgando paulatinamente novos territórios.*

Nesta obra, o autor não se detém a criticar as ideologias existentes sobre os movimentos sociais (exceto em momentos específicos onde a crítica à ideologia permite o desenvolvimento de alguns momentos de sua teoria). Contudo, a própria existência da obra é uma crítica e a superação de todas as ideologias sobre este fenômeno. O método dialético é a condição primeira para se pensar a estrutura do livro. O autor parte da conceituação de movimento social (coisa que tinha sido feita de modo muito precário nas várias ideologias sobre os movimentos sociais). Contudo, somente a apreensão do conceito (*essência*) de movimentos sociais é insuficiente para se compreender tal fenômeno em sua relação com a totalidade

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[185]

da sociedade capitalista. Assim, a *existência* dos movimentos sociais está determinada pela totalidade da sociedade capitalista (a condição de existência deste fenômeno). As categorias do método dialético (essência, existência, totalidade, abstração, concreto etc.) são operadas de modo a constituir uma teoria marxista dos movimentos sociais.

A ordenação lógica dos capítulos nos permite comprovar isto: capítulo I – O conceito de movimentos sociais; capítulo II – Movimentos sociais e luta de classes; capítulo III – Movimentos sociais, capitalismo e acumulação de capital; capítulo IV – Movimentos sociais e Estado; capítulo V – Movimentos sociais e sociedade civil; capítulo VI – Movimentos sociais, cultura e ideologia. Há, portanto, um movimento de concreções sucessivas que permite ao leitor, ao término da leitura da obra, ter uma compreensão totalizante dos movimentos sociais. Define inicialmente o que são os movimentos sociais, demonstrando nos capítulos seguintes que tal fenômeno não existe isoladamente, pois se constitui na própria dinâmica do capital, relacionando-se com o processo de acumulação,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[186]

com as crises do capitalismo, com a luta de classes, com o Estado, sociedade civil (partidos políticos e outras instituições) e por fim, demonstra como o fenômeno cultural (ideologias, teoria, doutrinas, representações cotidianas, valores, sentimentos etc.) é importante determinação na dinâmica dos movimentos sociais.

Diferentemente das demais abordagens, a teoria marxista dos movimentos sociais, tal como desenvolvida por Nildo Viana nesta obra, não isola os movimentos sociais dos demais processos na sociedade capitalista. Da mesma forma, também não isola um ou outro aspecto, procurando caracterizar os movimentos sociais por este aspecto. Por exemplo, a ideologia da “mobilização de recursos” isola o aspecto institucional, financeiro, organizacional e não dá atenção para os demais. O mesmo se passa com a ideologia do “processo político”, que isola o confronto político, sobretudo, a relação com o Estado. Da mesma feita, também a ideologia dos “novos movimentos sociais” isola o aspecto cultural em detrimento dos demais processos. Cada uma com sua contribuição limitada para o entendimento dos movimentos sociais, acaba, no final,

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[187]

criando um processo de obscurecimento no estudo deste fenômeno.

O ponto decisivo do livro é, sem sombra de dúvidas, a elaboração de um conceito que expresse adequadamente que são os movimentos sociais. Diferentemente das demais abordagens que confundem ou não conseguem encontrar a especificidade dos movimentos sociais em relação aos demais processos políticos, movimentos e organizações (movimento operário, partidos políticos, sindicatos, manifestações, protestos etc.), a teoria marxista dos movimentos sociais realiza tal distinção. Define movimentos sociais como sendo um movimento de *grupos sociais* (e não de classes sociais. Esta é uma primorosa descoberta). Os grupos sociais podem ser *orgânicos* (negros, mulheres etc.), *situacionais* (sem-teto, sem-terra, estudante), *culturais* (ambientalistas, pacifistas etc.). Tais grupos só se constituem em movimentos sociais quando se encontram em: a) determinada *situação social*; b) que gera certa *insatisfação social*; c) que possibilita a criação de um *senso de pertencimento* (ao grupo); d) isto possibilita, gera processos de *mobilização*; e) que são

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[188]

efetivados tendo em vista determinados *objetivos*. Eis, pois, o que define um movimento social e esta é sua especificidade.

Outra grande contribuição do livro é distinguir movimento social de suas ramificações. Via de regra, tanto os estudiosos, como os meios de comunicação e também os próprios agentes dos movimentos sociais tendem a confundir as organizações que se desenvolvem a partir de um movimento social com o próprio movimento social. A UNE, por exemplo, não é o movimento estudantil, mas sim, uma organização mobilizadora deste movimento. O MST não é o movimento de luta pela terra, mas sim uma de suas organizações mobilizadoras. Também, o conjunto de ideologias, teoria, doutrinas etc. podem ser ramificações de determinados movimentos sociais. Por exemplo, o feminismo existencialista de Simone de Beauvoir é uma ramificação deste movimento.

Como a teoria marxista dos movimentos sociais não isola o fenômeno, mas sim o compreende como parte de uma totalidade, insere os movimentos sociais na própria dinâmica das lutas de classes. Os movimentos sociais, ao

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[189]

invés de superarem as classes e as lutas de classes, como afirmaram várias ideologias, simplesmente se inserem em sua dinâmica. Os movimentos sociais possuem determinada composição de classes. Este conceito permite compreender a origem de classe dos membros do movimento. No que se refere à composição, os movimentos podem ser monoclássistas (movimento sem-teto, por exemplo) ou policlássistas (movimento estudantil, por exemplo). Mais fundamental ainda é a distinção realizada por Viana a respeito da hegemonia de classe preponderante em determinado movimento. Com base nisto, compreende que os movimentos sociais podem ser: a) *conservadores* (grande *insight* do livro, pois geralmente tem-se uma visão idílica dos movimentos sociais). Aqui se insere, por exemplo, o movimento racista. Nos movimentos conservadores, a hegemonia é burguesa; b) *reformistas*. Aqui há que se distinguir três tendências: 1) tendência conservadora, cuja hegemonia é burguesa; 2) tendência reformista, cuja hegemonia é burocrática; 3) tendência revolucionária, cuja hegemonia oscila entre burocrática (os setores mais radicais da burocracia) e proletária; b)

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[190]

revolucionários, cuja hegemonia é proletária e tendem a ser mais expressivos em momentos de ascensão das lutas revolucionárias do proletariado ou de crise do modo de produção capitalista, tal como, por exemplo, o movimento estudantil em Maio de 1968 na França.

Do mesmo modo que as classes e luta de classes determinam a conformação dos movimentos sociais, também a própria dinâmica do capitalismo, marcada por crescente mercantilização, burocratização e competição é importante elemento na compreensão deste fenômeno. A crescente mercantilização afeta profundamente os movimentos sociais, pois estes, tal como qualquer um nesta sociedade, tem de lidar com o fenômeno mercantil. A partir daí, Viana identifica escalas de mercantilização. A *escala mínima* é aquela da qual ninguém pode escapar, pois é o mínimo necessário para se realizar qualquer atividade política dentro dos quadros do capitalismo. À medida que determinada ramificação cresce e se desenvolve, adquire sede, bens, funcionários etc., a necessidade de custear todo este aparato já afeta a dinâmica do movimento. Neste estágio, desenvolvem a *escala média* de mercantilização.

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[191]

Por último, quando o objetivo do movimento é alterado, ou seja, deixa-se de realizar as atividades para, por exemplo, lutar contra o racismo e começa-se em nome da luta contra o racismo a realizar atividades, acordos etc. simplesmente para ganhar dinheiro, o movimento chegou na *escala máxima* de mercantilização. Aqui, embora fale-se ainda em nome do grupo, o que está em jogo, na verdade, é a conquista de cada vez mais dinheiro, cargos, influência, poder. Este é o ponto a partir do qual determinada organização mobilizadora pode separar-se do movimento, embora ainda possa continuar a falar em seu nome. Por exemplo, o discurso do *Greenpeace* está assentado na preservação do meio ambiente, mas esta instituição é, na verdade, uma multinacional que administra recursos milionários, constituída por um imenso aparato burocrático, sendo, pois uma instituição burocrática e mercantil independente do movimento ambientalista, embora ainda fale em seu nome.

Se a mercantilização atinge profundamente os movimentos sociais, também a burocratização é outro processo a ser levado em conta. A mercantilização gera

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[192]

burocratização. Quanto maior, mais recursos, ou seja, mais mercantil, mais tende a ser também burocrática, pois cria-se no interior da organização mobilizadora uma classe dirigente, ou seja, uma burocracia (informal). A relação dos movimentos sociais com o Estado agrava isto, pois através dos mecanismos de cooptação (direta e indireta), o estado regulariza a atividade do movimento social e de suas principais organizações mobilizadoras que se integram ao governo no poder via políticas estatais.

O Estado se relaciona com os movimentos sociais de diferentes maneiras. Pode-se destacar: a) cooptação (direta e indireta); b) burocratização (quando exige dos movimentos que se enquadrem na lei, nas políticas, que se institucionalizem e se legalizem etc.); c) repressão (que pode ser preventiva, generalizada e seletiva); d) criminalização (ou seja, tornar crime a ação dos movimentos sociais, o que facilita a repressão); e) omissão, ou seja, o estado não impede determinadas práticas dos movimentos, tal como quando não reprime, por exemplo, ações de organizações mobilizadoras do movimento racista. Mas também, os movimentos sociais se direcionam para o

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[193]

Estado. Isto constitui dois tipos de movimentos: a) *estatista* (que podem ser utilitarista, posicionista e partidarista); b) *civilista* (com propensão externalista, propensão independente, e, por último, podendo também ser antiestatista).

Também a relação dos movimentos sociais com o conjunto da sociedade civil, sobretudo a chamada sociedade civil organizada (partidos políticos, sindicatos, igrejas, ONG's etc.) é outra determinação que constitui a dinâmica política dos movimentos sociais. Viana dá destaque para os partidos políticos que são exatamente as instituições que mais relação estabelecem com os movimentos sociais. Enquanto o Estado se caracteriza em sua relação com os movimentos sociais pelos processos descritos anteriormente, com destaque para a cooptação, os partidos políticos realizam o processo de *aparelhamento*, impondo suas pautas, interesses, práticas aos próprios movimentos sociais.

Por último, a dimensão cultural. Esta é, segundo expressão do autor, a “determinação formal” dos movimentos sociais, juntamente com o conjunto de outras

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[194]

determinações que expusemos brevemente linhas atrás. Existe como tendência predominante um domínio da *mentalidade burguesa*, que gera em cada momento histórico *hegemonias burguesas* e estas contêm *ideologias* que variam conforme o país, os autores em específico etc. Assim, mentalidade, hegemonia e ideologias são elementos culturais da sociedade burguesa que determinam também a prática e conduta dos movimentos sociais.

Contudo, como os movimentos sociais estão envolvidos nas lutas de classes, tal hegemonia burguesa não é absoluta. Nos *movimentos conservadores*, a hegemonia burguesa é única. Nos *movimentos reformistas*, há a convivência de tendências conservadoras que expressam a hegemonia burguesa e burocrática. Em suas tendências reformistas, convive-se elementos da hegemonia burguesa e burocrática. Em suas tendências revolucionárias, elementos da hegemonia proletária e setores mais radicais da burocracia. Nos *movimentos revolucionários*, há a predominância da hegemonia proletária. Também, nos chamados *movimentos populares* (sem-terra, sem-teto, usuários de transporte coletivo etc.), devido sua

Movimentos Sociais. Vol. 03, num. 05, jul./dez. 2018.
[195]

composição de classe, a hegemonia burguesa nunca é total, pois, devido à situação de classe dos integrantes destes movimentos, ocorre um amálgama de elementos burgueses, burocráticos e proletários. A ascensão de lutas proletárias radicalizadas, que contribui para a radicalização dos movimentos populares, há a possibilidade das tendências revolucionárias dos movimentos reformistas se tornarem amplas e por vezes até hegemônicas. Nestes momentos, há a tendência à generalização de uma cultura contestadora e crítica, o que reforça, por sua vez, as próprias lutas concretas dos movimentos sociais e da classe operária e demais classes desprivilegiadas.

Para entender, portanto, os movimentos sociais, o percurso realizado por Nildo Viana foi: definir os movimentos sociais como sendo movimentos de grupos sociais e não de classes sociais, descobrindo o modo como é determinado: “pela luta de classes, estado, sociedade civil, modo de produção capitalista, acumulação de capital, mercantilização, burocratização, hegemonia, cultura, ideologia” (VIANA, 2016, p. 18).

Conclui modestamente o livro com as seguintes palavras:

É um primeiro passo nessa estrada que outros pesquisadores e nós próprios poderemos trilhar e desenvolver mais profundamente. Enquanto ponto de partida, cumpriu seu papel. *Agora, resta por o pé na estrada do desenvolvimento e aprofundamento* (VIANA, 2016, p. 151) (grifos meus).

Trata-se, portanto, de obra fundamental para todo estudante, pesquisador e militantes de movimentos sociais. A teoria aqui apresentada é, como reitera o autor, somente o início da caminhada. A realidade concreta é infinita em sua existência. Cabe ao pensamento cumprir o papel de apreender sempre de modo cada vez mais amplo a concretude dos processos que a constituem. Este livro realiza a difícil tarefa de descortinar o fenômeno, abrindo às portas do entendimento processos que antes estavam encobertos. Tendo agora à vista a imensa planície que é a realidade, sigamos o conselho do autor e coloquemos o pé na estrada rumo ao desenvolvimento, enriquecimento e aprofundamento da teoria.